

EM LINHAS NEGRAS: DIÁLOGOS POLÍTICO- ESCRAVISTAS EM MACHADO DE ASSIS

IN BLACK LINES: POLITICAL-SLAVE DIALOGUES IN MACHADO DE ASSIS

Cleyton Rodrigues dos Santos¹

Endereço Profissional: Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO, Departamento de História, *Campus* de Guarapuava-PR.

Rua Salvatore Renna 875, Bairro Santa Cruz.

CEP: 85015-430

Guarapuava – PR.

E-mail: cleyton14santos@gmail.com

Resumo: O presente artigo propõe uma investigação, à luz da história social, sobre uma questão crucial na literatura machadiana: o escravismo. Trata-se de promover o necessário diálogo entre a História e a Literatura, no sentido de refletir sobre as relações escravistas presentes na obra literária de Machado de Assis a partir de um pressuposto materialista de análise. A proposta consiste em analisar as especificidades e relações entre história e literatura nos escritos de Machado de Assis, focalizando-se no modo como os temas relacionados à escravidão emergiram na literatura machadiana, bem como submeter essa literatura ao interrogatório sistemático que habitualmente se aplica a qualquer testemunho histórico.

Palavras-chave: Machado de Assis; Escravismo; Literatura.

Abstract: The present article proposes an investigation, in the light of social history, on a crucial question in the Machadian literature: slavery. It is a question of promoting the necessary dialogue between History and Literature, in order to reflect on the slave relations present in the literary work of Machado de Assis, based on a materialistic assumption of analysis. The proposal consists in analyzing the specificities and relations between history and literature in the writings of Machado de Assis, focusing on the way in which the themes related to slavery have emerged in the Machadian literature, as well as to submit this literature to the systematic interrogation that usually applies to any historical testimony.

Keywords: Machado de Assis; Slavery; Literature.

Introdução

Machado de Assis, no ano de 1873, quando extraiu de sua pena o ensaio intitulado “Instinto de Nacionalidade”, afirmou que “o que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país”². O escritor volta

¹ Professor colaborador do Departamento de História da UNICENTRO - Universidade Estadual do Centro-Oeste, *Campus* de Guarapuava-PR. Doutor em História Econômica pela USP – Universidade de São Paulo.

² ASSIS, Machado de. *Machado de Assis: crítica, notícia da atual literatura brasileira*. São Paulo: Agir, 1959. p. 28 - 34: Instinto de nacionalidade. (1ª ed. 1873).

seus olhos, nestas palavras, para a importância da inserção no cotidiano de sua própria época. Nesse sentido, propõe refletir sobre os problemas da sociedade em que vive, de tal modo que propicie conhecimentos e interpretações histórico-sociais³.

As rodas da história não resguardam ninguém. Nesse sentido, propomos uma investigação da literatura como um testemunho histórico. Pretendemos, então, nas páginas seguintes, tomar a obra machadiana, ou mais especificamente, a “leitura” feita por Machado de Assis sobre o escravismo como um problema histórico a ser analisado e compreendido. Por meio de um exercício de reflexão e diálogo entre história e literatura, aos poucos, se vai afastar a imagem de “autonomia” da literatura, terreno onde poucos indivíduos têm acesso, pois são frutos de “seres singulares”, atemporais, cujas obras seriam validadas por critérios estéticos absolutos⁴.

É certo que a historiografia das últimas décadas, bem como a produção acadêmica sobre a história social e econômica da escravidão no Brasil, passou por grandes transformações e vem produzindo abordagens cada vez mais densas. Atualmente a historiografia possui instrumentos que permite ao historiador estudar e reconstituir o modo de vida de personagens que circularam pela nossa história, como os escravos, libertos, entre outros; e, indubitavelmente, a literatura emergiu como um dos fios condutores nessas novas abordagens.

Para desenvolver a pesquisa que se apresenta, foi preciso fincar a análise e o estudo em uma investigação empírica, definindo a literatura machadiana como a principal fonte e as estratégias de pesquisa capazes de identificar o escravo, além de indivíduos egressos do cativeiro no cerne de um discurso que variava constantemente. Percebemos nos escritos de Machado de Assis personagens escravizados - ou que viveram subjugados ao cativeiro -, que passavam de submissos à violentos, de fiéis à vingativos, de dóceis à ferozes; conforme se observou com Prudêncio no seu *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Porém, tais mutações se davam no próprio cotidiano em que a obra estava inserida em razão das questões vivenciadas à época.

Segundo a historiadora Maria Odila Leite da Silva Dias,

A história do cotidiano e das mediações sociais, em processo de mudança, enquanto perspectiva construída no tempo, pressupõe o relativismo cultural; por isso os historiadores, ao apreenderem experiências vividas, se

³ ARRUDA, José Jobson de Andrade. *Historiografia: teoria e prática*. São Paulo: Alameda, 2014.

⁴ PEREIRA, Leonardo Affonso; CHALHOUB, Sidney. *Apresentação*. In: PEREIRA, Leonardo Affonso; CHALHOUB, Sidney. *A história contada: capítulos de História Social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

conformaram em procurar uma nitidez de foco, uma relação cognitiva, nuances de verdade, uma tradução aproximativa, em lugar de descrições ou explicações definitivas; o historiador, em seu diálogo com as fontes, começou a perseguir, pacientemente, a historicidade dos conceitos do passado, estabelecendo uma ponte crítica entre os conceitos contemporâneos e os de suas fontes⁵.

Ora, como se observou anteriormente, atualmente a historiografia possui ferramentas e instrumentos por meio dos quais fontes diversas propiciam ao historiador a possibilidade de reconstituir a história de alguns personagens históricos que vagaram em um espaço e tempo passado. No caso dos escravos e indivíduos egressos do cativo na literatura machadiana, podemos perceber a interação dinâmica de Machado de Assis com as questões da sociedade oitocentista em que estava inserido, bem como de seu tempo.

A escolha destes escritos como fontes principais foi orientada na busca de compreender a convivência e relações entre homens e mulheres de diferentes segmentos étnicos e raciais na construção de uma espécie de identidade nacional a partir destas mesmas relações. Ora, a compreensão das relações sociais no Brasil oitocentista por meio da utilização da literatura machadiana como fonte de pesquisa, faz com que se aproxime das ações cotidianas e dos modos de vida de indivíduos escravizados ou libertos, percebendo as formas de convivência, solidariedade e articulações.

O artigo apresentado ampara-se, então, no diálogo entre a história e a literatura na obra de Machado de Assis. Uma vez que se trata da análise e compreensão de alguns dos seus textos, o procedimento metodológico adotado consistiu em reconstituir movimentos argumentativos em seus escritos sobre o legado e os sentidos da escravidão e a inserção dos egressos do cativo no chamado “mundo livre” para a formação social e econômica da sociedade brasileira.

1. Machado de Assis, Prudêncio e a Escravidão

A presença do escravismo na obra de Machado de Assis é bastante significativa. As experiências e marcas que os indivíduos carregavam daquele sistema são narradas em uma passagem de sua obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Arguto em suas observações,

⁵ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea*. In. *Projeto História*. São Paulo: nº17, nov. 1998, p. 233-234.

Machado de Assis descreveu com genialidade a sociedade brasileira, e particularmente a carioca, do século XIX. Dizia Brás Cubas que

[...] um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher de doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce “por pirraça”; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe o dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, - a algumas vezes gemendo, - mas obedecia sem dizer palavra, ou quando muito, um - “ai, nhonhô!” - ao que eu retorquia: “Cala a boca, besta!”⁶.

Mais adiante, nesta mesma obra, encontramos Prudêncio já liberto pelo seu senhor, em uma situação não menos diferente da que ele próprio estava acostumado a passar. O trecho é narrado com maestria pelo escritor e mostra um forro representando um senhor de escravos, tendo sua ação determinada pela experiência do período em que viveu sob o jugo do cativo.

Tais reflexões que eu vinha fazendo por aquele Valongo afora, logo depois de ver e ajustar a casa. Interrompeu - mas um ajuntamento; era um preto que vergalhava outro na praça. O outro não se atrevia a fugir; gemia somente estas únicas palavras:

- “Não, perdão, meu senhor; meu senhor, perdão!”

Mas o primeiro não fazia caso, e, a cada súplica, respondia com uma vergalhada nova.

- Toma, diabo! Dizia ele; toma mais perdão, seu bêbado!

- Meu senhor, gemia o outro.

- Cala boca, besta! replicava o vergalho.

Parei, olhei... justos céus! Quem havia de ser o do vergalho? Nada a menos que o meu moleque Prudêncio - o que o meu pai libertara alguns anos antes. Cheguei-me, ele deteve-se logo e pediu-me a bênção; perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele.

- É sim, nhonhô.

- Fez-te alguma coisa?

⁶ ASSIS, Machado. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. In. ASSIS, Machado. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 63. Publicado originalmente em folhetins, a partir de março de 1880, na *Revista Brasileira*.

- É um vadio, um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber.

- Está bom, perdoa-lhe, disse eu.

- Pois não, nhonhô. Nhonhô manda, não pede. Entra para casa, bêbado!

[...] Exteriormente era turvo o episódio do Valongo; mas só exteriormente. Logo que meti mais dentro a faca do raciocínio achei-lhe um miolo gaiato, fino e até profundo. Era um modo que o Prudêncio tinha de se desfazer das pancadas recebidas – transmitindo-as a outro⁷.

E segue, aprofundando o raciocínio:

Eu, em criança, montava-o, punha-lhe um freio na boca, e desancava-o sem compaixão; ele gemia e sofria. Agora, porém, que era livre, dispunha de si mesmo, dos braços, das pernas, podia trabalhar, folgar, dormir, desagrilhoado da antiga condição, agora é que ele se desbancava: comprou um escravo, e ia-lhe pagando, com alto juro, as quantias que de mim recebera⁸.

Segundo Roberto Schwarz, a presença do escravismo na obra de Machado de Assis é determinante, embora as figuras de escravos nem sempre entrem em cena com frequência. Assim, “umas poucas anedotas esparsas bastam para fixar as perspectivas essenciais. A parcimônia nas alusões, calculada para repercutir, é enfática à sua maneira: um recurso caro ao senso de humor machadiano, mais amigo da insinuação venenosa que da denúncia”⁹.

De acordo com Schwarz, apesar da audácia com que se opõe ao chavão humanitário, o episódio envolvendo Prudêncio padece de banalidade universalista, que o transforma em um quase apólogo: pessimismo e maldade também podem ser chavões¹⁰. No capítulo que segue em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, essa mesma impressão cai por terra. Nas palavras do próprio Machado de Assis:

⁷ *Idem*, p. 63.

⁸ ASSIS, Machado. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. *Op. cit.*, p. 64.

⁹ SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. 4 ed. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 112.

¹⁰ *Idem*, p. 113.

Este caso faz-me lembrar um doido que conheci. Chamava-se Romualdo e dizia ser Tamerlão. Era a sua grande e única mania, e tinha uma curiosa maneira de a explicar.

- Eu sou o ilustre Tamerlão, dizia ele. Outrora fui Romualdo, mas adoeci, e tomei tanto tártaro, tanto tártaro, tanto tártaro, que fiquei Tártaro, e até rei dos Tártaros. O tártaro tem a virtude de fazer Tártaros¹¹.

Desse episódio Roberto Schwarz tira a seguinte conclusão:

Passada a surpresa, o leitor dado a charadas entenderá que o Tártaro (guerreiro reputado pela selvageria) resulta do tártaro ingerido, como a crueldade do negro liberto – chocante, por sugerir que o sofrimento não ensina nada – é filha das pancadas que lhe haviam dado os seus senhores¹².

E conclui, da seguinte forma, em suas reflexões sobre a presença do escravismo na obra de Machado de Assis:

As cenas onde entram escravos condenam a ordem social do país, fixam traços de caráter perniciosos, em que é patente a impregnação escravista da classe alta, e fazem ver o cativo segundo esquemas de psicologia universalista, estritamente os mesmos da humanidade em geral. Para apreciar o valor crítico deste universalismo, basta considerar que à sua luz as brutalidades de um escravo forro não são menos complexas e espirituais que os divinos caprichos de uma senhora elegante, contrariamente ao que pensariam o preconceito comum, ou também o racismo científico então em voga¹³.

A literatura machadiana emergiu como a inauguração de um gênero literário que buscou compreender e interpretar a dinâmica cultural e societária brasileira oitocentista. Assim, conforme afirmou Jefferson Cano:

Ao escrever as *Memórias póstumas*, Machado poderia ter, de fato, construído uma alegoria que não simplesmente apresentava uma história do Brasil (Brás), ou de uma representação do Brasil a partir de um olhar particular das classes proprietárias, mas ainda dialogava com toda uma produção historiográfica já estabelecida, e com a qual Machado devia estar familiarizado. E, nesse sentido, encetava um debate com os historiadores

¹¹ ASSIS, Machado. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Op. cit., p. 64.

¹² SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. Op. cit., p. 113-114.

¹³ *Idem*, p. 114.

contemporâneos a respeito do caráter que deveria assumir uma “história nacional”¹⁴.

Dessa maneira, o olhar inclina-se para a obra de Machado de Assis, uma vez que é, em sua grande medida, direcionada à uma interpretação crítica da sociedade e do cotidiano ao qual o próprio autor estava imerso; bem como do próprio sistema escravagista no Brasil do século XIX. No conto *Pai contra Mãe*, notamos claramente que a dinâmica societária mostrada ilustra o modo de como as relações sociais e econômicas foram materializadas, no Brasil oitocentista, em um contexto fortemente hierarquizado no sentido de privilegiar os indivíduos que ocupavam o topo da pirâmide social – que possuíam as prerrogativas da liberdade - em detrimentos dos indivíduos de cor – escravizados ou libertos. Assim sendo, este escritor buscou realizar uma análise pormenorizada das classes não hegemônicas da sociedade brasileira, em geral, e carioca, em particular, nos oitocentos, como também trazer a público temas ligados à cultura, política e economia.

2. Mariana, Pio e Pancrácio: Notas sobre amores, apegos e desapegos

No conto Mariana, de janeiro de 1871, foi extraída da pena de Joaquim Maria Machado de Assis cenas que, certamente, eram frequentes no cotidiano da sociedade brasileira à época.

Chamava-se Mariana, [...] e era uma gentil mulatinha nascida e criada como filha da casa, e recebendo de minha mãe os mesmos afagos que ela dispensava às outras filhas. Não se sentava à mesa, nem vinha à sala em ocasião de visitas, eis a diferença; no mais era como se fosse pessoa livre, e até minhas irmãs tinham certa afeição fraternal. Mariana possuía a inteligência da sua situação, e não abusava dos cuidados com que era tratada. Compreendia bem que na situação em que se achava só lhe restava pagar com muito reconhecimento a bondade de sua senhora¹⁵.

¹⁴ CANO, Jefferson. *Machado de Assis, historiador*. In: PEREIRA, Leonardo Affonso; CHALHOUB, Sidney. *A história contada: capítulos de História Social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 38.

¹⁵ ASSIS, Machado. *Mariana*. In: ASSIS, Machado. *Obra Completa – Volume II*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1962, p. 773.

Percebemos nesta passagem do conto toda a dinâmica societária daquele período ímpar. A narrativa é composta por uma conversa entre quatro amigos, que se reencontram depois de longo tempo distantes. Dentre os relatos, destaca-se o de Coutinho, que conta a história da mulher que mais o amou: Mariana, uma escrava que vivia em sua casa. “Nascida e criada como filha da casa”, Mariana aprendeu a ler e a escrever, recebendo, inclusive, alguma noção do francês. A mãe de Coutinho era “a bondade em pessoa, e tudo perdoava às suas amadas crias”. Mariana “era como se fosse pessoa livre”, recebendo os mesmos afagos das outras filhas.

Apesar de todas as concessões consentidas pela família, o que imperava era a incontornável condição escrava de Mariana. Quando Coutinho e sua irmã perceberam os amores de Mariana, trataram de investigar o caso: “Quem será o namorado (...). O copeiro ou o cocheiro?”. “Seja quem for, será alguém que lhe inspirasse amor; é quanto basta para que se mereçam um ao outro”. No entanto, o desenrolar dos acontecimentos se encarregará de mostrar que, na situação de Mariana, o amor em nada alterava a sua posição de escrava. Tal sentimento contrastava com “a fatalidade de sua condição social”.

Nos últimos anos, a historiografia da escravidão vem dialogando com a literatura para fazer o resgate das sombras de indivíduos que viviam subjugados ao cativeiro. Porém, ainda há que se avançar nos estudos que tratam das experiências de vida de pessoas que se libertaram, do papel que desempenharam em suas próprias alforrias e no processo, mais amplo, da extinção da escravidão. A historiadora Regina Célia Xavier argumenta que pouco se conhece das formas de que lançaram mão para organizar suas vidas após a liberdade e as maneiras com que se relacionavam com seus ex-senhores, com a comunidade negra e com a sociedade como um todo¹⁶.

Poucos foram as interpretações, mas não raras. Contemporâneo do processo de abolição da escravidão e passagem do regime imperial para o republicano, Machado de Assis questionou de maneira contundente e irônica estes eventos históricos. Muito embora, o discurso literário de Machado de Assis não tenha a intenção de causar polêmica, ou até mesmo certo furor, principalmente no período em que foi escrito, tinha a provável

¹⁶ XAVIER, Regina Célia Lima. *A conquista da liberdade: libertos em Campinas na segunda metade do século XIX*. Campinas: UNICAMP, 1996, p. 13. Ver também, entre outros: CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Fortes laços em linhas rotas: literatos negros, racismo e cidadania na segunda metade do século XIX*. Tese [Doutorado em História Social]. Campinas: UNICAMP, 2014. Ana Flávia Magalhães Pinto materializa um estudo interessante sobre as experiências e atuação de indivíduos de cor, letrados e atuantes na imprensa e no cenário político-cultural das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX.

intenção de levar os leitores à reflexão, bem como de se fazer críticas à sociedade brasileira da época.

Machado de Assis não enxergava muitas diferenças entre o indivíduo de cor livre e o escravizado. Em *Helena*, conforme afirmou Sidney Chalhoub, Machado de Assis mostra a “inviolabilidade da vontade senhorial” para explicar, na grande maioria das vezes, a condição ou *status jurídico* do indivíduo¹⁷. No conto *Virginus*, publicado entre julho e agosto de 1864 no *Jornal das Famílias*, emerge claramente essa concepção. O conto é narrado por um advogado, cujos serviços foram solicitados por um velho fazendeiro chamado Pio, também conhecido por *Pai de Todos*. Este título lhe era dado por ser considerado como a “justiça e a caridade fundidas em uma só pessoa”. Dentre suas qualidades, destacava-se a sua bondade para com os escravos¹⁸. Em um trecho do conto, imerso em insinuações irônicas escreveu Machado de Assis:

Escravo é o nome que se dá; mas Pio não tem escravos, tem amigos. Olham-no todos como se fora um Deus. É que em parte alguma houve nunca mais brando e cordial tratamento a homens escravizados. Nenhum dos instrumentos de ignomínia que por aí se aplicam para corrigi-los existem na fazenda de Pio. Culpa capital ninguém comete entre os negros da fazenda; a alguma falta venial que haja, Pio aplica apenas uma repreensão tão cordial e tão amiga, que acaba por fazer chorar o delinquente. Ouve mais: Pio estabeleceu entre os seus escravos uma espécie de concurso que permite a um certo número libertar-se todos os anos. Acreditarás tu que lhes é indiferente viver livres ou escravos na fazenda, e que esse estímulo não decide nenhum deles, sendo que, por natural impulso, todos se portam dignos de elogios?¹⁹

O trecho citado acima apresenta o conhecimento e o ponto de vista de Machado de Assis acerca das estruturas de poder e da condição escrava. O concurso promovido pelo “Pai de Todos” para dar liberdade a certo número de escravos em nada alterava a situação dos cativos que não têm outra alternativa senão continuar a trabalhar na fazenda. De acordo com Jaison Luís Crestani, em análise sobre o mesmo conto, a tão caridosa

¹⁷ Segundo Sidney Chalhoub, “a vontade do chefe de família, do senhor-proprietário, é inviolável, e é essa vontade que organiza e dá sentido às relações sociais que a circundam” In. CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, historiador. Op. cit.*, p. 11. Ora, seria então passível de afirmação que essa “inviolabilidade da vontade senhorial” estaria em jogo não apenas nas alforrias, mas também no próprio processo de abolição.

¹⁸ Para uma análise aprofundada e refinada sobre a colaboração de Machado de Assis no *Jornal das Famílias*, conferir, principalmente: CRESTANI, Jaison Luis. *Machado de Assis no Jornal das Famílias*. São Paulo: EDUSP/Nankin Editorial, 2009.

¹⁹ ASSIS, Machado. *Virginus*. In. ASSIS, Machado. *Obra Completa – Volume II*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1962, p. 736.

liberdade dada aos escravos não passava de uma questão de títulos: “livres” ou “escravos”, como se nota claramente na frase: “Acreditarás tu que lhes é indiferente viver livres ou escravos na fazenda”. Ao cabo, o resultado final é que a vida dos escravos ou libertos continuava a se dar “na fazenda”, assim como continua a política de dominação, aparentemente revestida por uma benevolente troca de títulos²⁰.

As crônicas publicadas no jornal *Gazeta de Notícias* entre os dias 11 e 19 de maio de 1888 apresentam, como unidade temática, a abolição da escravidão, bem como a situação dos indivíduos egressos do cativeiro inseridos no mundo livre. Ora, naquele momento o Brasil passava por transformações políticas, econômicas e sociais significativas, mesmo que o impacto na vida e no cotidiano das pessoas fossem mínimos, emergiu, nesse período de segunda metade do século XIX, a preocupação em (re)definir o território brasileiro, com seus hábitos e costumes, principalmente durante as últimas décadas dos oitocentos. Busca-se, assim, de múltiplas formas, reconstruir a história, por uma releitura do passado como pela definição de uma meta comum de futuro, através de uma memória coletiva que se pretende “nacional” e que sublinha as descontinuidades representadas eminentemente pela implantação da forma republicana por sobre as continuidades de uma sociedade marcada por seu caráter historicamente excludente e hierarquizador²¹. Estrategicamente, estas duas crônicas foram publicadas em momentos cruciais na história do Brasil, principalmente a respeito das questões envolvendo o sistema escravagista no sentido de se refletir sobre o negro na sociedade brasileira de final dos oitocentos, quando o mesmo se depara com a extinção do cativeiro no país. Foi extraída da pena de Machado de Assis no dia 11 de maio de 1888, dois dias antes da promulgação da Lei Áurea:

Vejam os leitores a diferença que há entre um homem de olho aberto, profundo, sagaz, próprio para remexer o mais íntimo das consciências (eu, em suma), e o resto da população.

Toda a gente contempla a procissão na rua, as bandas e bandeiras, o alvoroço, o tumulto, e aplaude ou censura, segundo é abolicionista ou outra coisa; mas ninguém dá a razão desta coisa ou daquela coisa; ninguém arrancou aos fatos uma significação, e, depois, uma opinião.

[...]

²⁰ CRESTANI, Jaison Luís. *Machado de Assis no Jornal das Famílias*. Op. cit.

²¹ NEVES, Margarida de Souza. *Uma escrita no tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas*. In: CANDIDO, Antonio. Et alii. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992. P. 78. Ver, também, da mesma autora, *O bordado de um tempo (a história na estória de Esaú e Jacó)*. Revista Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, Abril/Junho de 1985. pp. 32-42

Não foi o ato das alforrias em massa dos últimos dias, essas alforrias *incondicionais*, que vêm cair como estrelas no meio da discussão da lei da abolição. Não foi; porque esses atos são de pura vontade, sem a menor explicação. Lá que eu gosto da liberdade, é certo; mas o princípio da propriedade não é menos legítimo. Qual deles escolheria? Vivia assim, como uma peteca (salvo seja), entre as duas opiniões, até que a sagacidade e profundidade de espírito com que Deus quis compensar a minha humildade, me indicou a opinião racional e os seus fundamentos.

Não é novidade para ninguém, que os escravos fugidos, em Campos, eram alugados. Em Ouro Preto fez-se a mesma coisa, mas por um modo mais particular. Estavam ali muitos escravos fugidos. Escravos, isto é, indivíduos que, pela legislação em vigor, eram obrigados a servir a uma pessoa; e fugidos, isto é, que se haviam subtraído ao poder do senhor, contra as disposições legais. Esses escravos fugidos não tinham ocupação; lá veio, porém, um dia em que acharam salário, e parece que bom salário²².

A ironia machadiana aflora na tinta que materializa sua concepção e ponto de vista acerca da abolição da escravatura. Pode-se, portanto, observar uma crítica dirigida a quem tem opiniões facilmente, apoiando ou negando a abolição, sem procurar mais atentamente a razão dos acontecimentos. Posteriormente, ao dizer que chegou a uma opinião racional e a seus fundamentos sobre a questão da liberdade e da propriedade, o cronista irá relatar casos de escravos fugidos que acabaram sendo alugados por outros senhores de escravos, já renunciando e denunciando o que iria acontecer após a abolição. Os escravos ao serem libertos seriam alugados, por um determinado salário. Dessa forma, Machado de Assis critica a euforia geral em relação a abolição da escravidão chegando, até mesmo, a relativizá-la²³. Visto desta maneira, refuta-se a afirmativa de Hemérito dos Santos de que o escritor não se envolveu na causa abolicionista e chegou, até mesmo, a negar sua existência.

Na crônica do dia 19 de maio de 1888 mais uma vez emergiu a clássica ironia machadiana nos moldes de Brás Cubas, novamente, porém, com personagens ficticiais misturando-se aos eventos históricos do período. Conforme segue em texto da crônica:

Eu pertencço a uma família de profetas *après coup, post factum*, depois do gato morto, ou como melhor nome tenha em holandês. Por isso digo, e juro se necessário for, que toda a história desta Lei de 13 de Maio estava por mim prevista, tanto que na segunda-feira, antes mesmo dos debates, tratei de alforriar um molecote que tinha, pessoa de seus dezoito anos, mais ou

²² ASSIS, Machado. *Obra Completa – Volume III*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1962, p. 645.

²³ PINHEIRO, Marta Passos. *Machado de Assis cronista: “Bons Dias!” no avesso da República*. In. Rev. Let., São Paulo, v.52, n.2, pp. 133-145, jul/dez. 2012, p. 139.

menos. Alforriá-lo era nada; entendi que, perdido por mil, perdido por mil e quinhentos, e dei um jantar.

Neste jantar, a que meus amigos deram o nome de banquete, em falta de outro melhor, reuni umas cinco pessoas, conquanto as notícias dissessem trinta e três (anos de Cristo), no intuito de lhe dar um aspecto simbólico.

No golpe do meio (*coup du milieu*, mas eu prefiro falar a minha língua), levantei-me eu com a taça de champanha e declarei que acompanhando as ideias pregadas por Cristo, há dezoito séculos, restituía a liberdade ao meu escravo Pancrácio; que entendia a que a nação inteira devia acompanhar as mesmas ideias e imitar o meu exemplo; finalmente, que a liberdade era um dom de Deus, que os homens não podiam roubar sem pecado.

Pancrácio, que estava à espreita, entrou na sala, como um furacão, e veio abraçar-me os pés. Um dos meus amigos (creio que é ainda meu sobrinho) pegou de outra taça, e pediu à ilustre assembleia que correspondesse ao ato que acabava de publicar, brindando ao primeiro dos cariocas. Ouvi cabisbaixo; fiz outro discurso agradecendo, e entreguei a carta ao molecote. Todos os lenços comovidos apanharam as lágrimas de admiração. Caí na cadeira e não vi mais nada. De noite, recebi muitos cartões. Creio que estão pintando o meu retrato, e suponho que a óleo.

No dia seguinte, chamei o Pancrácio e disse-lhe com rara franqueza:

— Tu és livre, podes ir para onde quiseres. Aqui tens casa amiga, já conhecida e tens mais um ordenado, um ordenado que...

— Oh! meu senhô! fico.

— ... Um ordenado pequeno, mas que há de crescer. Tudo cresce neste mundo; tu crescestes imensamente. Quando nasceste, eras um pirralho deste tamanho; hoje estás mais alto que eu. Deixa ver; olha, és mais alto quatro dedos...

— Artura não qué dizê nada, não, senhô...

— Pequeno ordenado, repito, uns seis mil-réis; mas é de grão em grão que a galinha enche o seu papo. Tu vales muito mais que uma galinha.

— Justamente. Pois seis mil-réis. No fim de um ano, se andares bem, conta com oito. Oito ou sete.

Pancrácio aceitou tudo; aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu expliquei-lhe que o peteleco, sendo um impulso natural, não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos.

Tudo compreendeu o meu bom Pancrácio; daí para cá, tenho-lhe despedido alguns pontapés, um ou outro puxão de orelhas, e chamo-lhe besta quando lhe não chamo filho do Diabo; coisas todas que ele recebe humildemente, e (Deus me perdoe!) creio que até alegre.

O meu plano está feito; quero ser deputado, e, na circular que mandarei aos meus eleitores, direi que, antes, muito antes de abolição legal, já eu, em casa, na modéstia da família, libertava um escravo, ato que comoveu a toda a gente que dele teve notícia; que esse escravo tendo aprendido a ler, escrever e contar, (simples suposição) é então professor de filosofia no Rio das Cobras; que os homens puros, grandes e verdadeiramente políticos, não são os que obedecem à lei, mas os que se antecipam a ela, dizendo ao escravo: *és livre*, antes que o digam os poderes públicos, sempre

retardatários, trôpegos e incapazes de restaurar a justiça na terra, para satisfação do Céu²⁴.

Para se compreender os escritos de Machado de Assis, é necessário “ler nas entrelinhas” a construção de um determinado *ethos* senhorial na concessão das alforrias no período que precedeu a abolição da escravidão. Sobre a alforria do, até então bom escravo, Pancrácio, Machado de Assis, em refinada ironia, denunciou a extinção do cativo como algo extremamente relativo. Dessa forma, ao se fazer uma reflexão sobre as ideias machadianas, bem como as interpretações que se fizeram das mesmas nas últimas décadas por diversos autores, percebe-se que, tanto Sidney Chalhoub quanto John Gledson, comungam das mesmas ideias de Jaison Luís Crestani, de que, após a abolição, a situação dos indivíduos que viviam sob o jugo do cativo em pouco se alterou. Sidney Chalhoub, em seu *Visões da Liberdade*, escreve que o evento de 13 de maio de 1888 materializou a passagem de um tipo de relacionamento social e econômico injusto e opressivo para outro. Ainda, de acordo com Chalhoub, percebe-se através da leitura da crônica, que o fim da instituição da escravidão nunca trouxe a esperança de mudanças sociais significativas; porém, por outro lado, desde o motivo central da crônica – o fato de que a alforria não implicava qualquer alteração importante na vida de Pancrácio – até seus detalhes aparentemente mais banais – como os petelecos “naturalmente” desferidos pelo ex-senhor e “alegremente” recebidos pelo moleque – induzem o leitor a uma interpretação estritamente continuísta dos acontecimentos²⁵.

Dessa maneira, percebemos que o fato de mudar o regime parece não determinar mudanças efetivas na condução da política e nas relações sociais. Era “mudar de roupa sem trocar de pele”. Em vários momentos de sua obra ficcional, Machado de Assis deixa isso nas entrelinhas. Seu posicionamento em relação à abolição da escravatura estaria marcado pela reflexão, pela associação dos contrários e pela observação da realidade²⁶.

Entende-se, então, que Machado de Assis tinha a abolição da escravidão como algo apócrifo, ou seja, na prática, as relações sociais e econômicas no cotidiano dos indivíduos egressos do cativo permaneceram imutáveis, uma vez que, ainda, prevaleceu a “inviolabilidade da vontade senhorial”, ou seja, o domínio dos que detinham o poder sobre

²⁴ ASSIS, Machado. *Obra Completa – Volume III*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1962, p. 485.

²⁵ CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade. Uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 97.

²⁶ LOPES, Elisângela Aparecida. “Homem do seu tempo e do seu país”: senhores, escravos e libertos nos escritos de Machado de Assis. Dissertação [Mestrado em Teoria da Literatura]. UFMG - Belo Horizonte, 2007, p. 130.

as camadas sociais subalternas. Assim, a sociedade brasileira, mesmo após a extinção do cativo e o advento da República permaneceu fortemente hierarquizada, com o negro ocupando a base da pirâmide social.

Considerações finais

Qual é a validade atual na Historiografia e Teoria Literária de questões acerca da escravidão, bem como do sistema escravagista e da própria figura do escravo na literatura machadiana? Como Machado de Assis viu e interpretou o processo de abolição da escravidão no Brasil Imperial? Quais os cuidados necessários que temos de tomar na interpretação das abordagens de Machado de Assis sobre a sociedade brasileira, em geral, e carioca, em particular? Dessa maneira, procuramos, no presente artigo, realizar uma incursão em alguns dos escritos de Machado de Assis no sentido de observar determinados personagens. Dessa forma, concorda-se com Mailde Tripoli, quando esta autora menciona, de maneira contundente, que no conto - como em outras obras -, não há floreios nem uso de meias palavras. Machado de Assis não transforma o negro em herói ou ser extraordinário, nem o representava com as cores miseráveis da ideologia dominante. Ele o apresentava como ser humano que realmente era, ou seja, sujeito em sua condição de oprimido. Assim, sem fazer apologia, mas de forma sutil, Machado de Assis, a seu modo, desnudava a realidade senhorial e revelava uma sociedade em que a condição econômica definia o indivíduo, além de, indubitavelmente, determinar sua exclusão ou aceitação. Uma sociedade que, sob uma fachada moderna e liberal, ocultava as bases do sistema colonial, o escravismo e o clientelismo²⁷.

Pretendemos, então, com o estudo que se apresentou, contribuir para a compreensão de uma questão crucial no pensamento e obra de Machado de Assis: o escravismo. Conforme se verificou, refletiu-se sobre as linguagens objetivas e subjetivas que circundavam os escritos de Joaquim Maria Machado de Assis, bem como a interpretação machadiana sobre as transformações históricas, tanto econômicas quanto sociais e políticas da sociedade brasileira do século XIX a partir de uma perspectiva histórico-cultural. Ora, pensar a história e a literatura em um processo dialógico é pensar modos de gerar proposições de ações para analisar e compreender não apenas a literatura

²⁷ TRIPOLI, Mailde J. *Imagens, mascaras e mitos: o negro na literatura brasileira no tempo de Machado de Assis*. Dissertação [Mestrado em Teoria Literária]. Campinas: UNICAMP – Instituto de Estudos da Linguagem, 1997.

ou as próprias obras em si, mas também todo processo de interpretação da sociedade à época, ou seja, da própria história.

Nesse sentido, procuramos enfatizar a importância e relevância da interlocução entre a História (particularmente a História Social) e os estudos literários, bem como compreender o processo de criação e elaboração ficcional. Visto que antes “procurava-se mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial”²⁸. Posteriormente, conforme afirmou Antônio Candido, procurou-se mostrar que a matéria de uma obra é secundária, e que a sua importância deriva das operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerado inoperante como elemento de compreensão²⁹.

Ao buscarmos compreender a figura do indivíduo escravizado, ou egresso do cativo, nos escritos de Machado de Assis, se estará, também, buscando a “ação e interação” do escravo e ex-escravo e suas inserções na dinâmica societária, bem como do próprio sistema escravagista, na sociedade à época. Dessa maneira, levando-se em consideração as reflexões acima apresentadas, procuramos realizar uma análise pormenorizada da literatura machadiana como testemunho histórico, inserindo-a no processo de construção da própria nação. Pretendemos, então, decifrar as peculiaridades de como se delinearão as liberdades políticas e civis, as quais foram se configurando em relação a própria construção da liberdade, entendida, dentro desse contexto, como um problema colocado pela existência do próprio escravismo.

Recebido em 11 de junho de 2022

Aceito em 12 de julho de 2022

²⁸ CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 9 edição revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006, p. 12.

²⁹ *Idem*, p. 12.